

CONSIDERAÇÕES SOMÁTICO- SISTÊMICAS PARA O ARTISTA CÊNICO PERFORMATIVO

Daiane Fonseca Leal¹

Resumo:

Este texto relaciona paradigmas da Educação Somática e do Pensamento Sistêmico, com o intuito de estabelecer diferenciações entre tais abordagens e possíveis colaborações ao desenvolvimento do trabalho próprio ao artista cênico performativo. A Educação Somática é apresentada enquanto princípios estruturais, bem como campo prático-teórico em que o soma é ponto de partida para a compreensão do corpo vivo e integrado. Já o Pensamento Sistêmico tece seu raciocínio a partir da ideia de organismo vivo e aberto à interação com o ambiente. Tais ponderações encontram a recorrência da autorregulação como particular aos organismos com vida e responsável pela adaptação ou mesmo alteração interna diante das circunstâncias externas. Na prática do artista cênico, tais perspectivas reestru-

¹ Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia

turam o seu próprio modo de operação, de forma que a performatividade também faz referência ao organismo vivo para a delimitação de seu modelo operacional. Por fim, conclui-se que o Pensamento Sistêmico e a Educação Somática podem propiciar ao artista cênico enfoques diferentes para a investigação da cena como um processo/procedimento integrado.

Palavras-chave: Organismo vivo. Educação somática. Pensamento sistêmico. Performatividade.

Resumen:

Este texto se refiere paradigmas de la Educación Somática y el Pensamiento Sistémico con el fin de establecer diferencias entre estos enfoques y posibles contribuciones al desarrollo de su trabajo para el artista performativo escénica. La educación somática se presenta como principios estructurales, así como campo de práctica-teórica en la que la suma es el punto de partida para la comprensión de la vida y el cuerpo integrado. Ya el Pensamiento Sistémico teje su razonamiento a partir de la idea de organismo y de estar abierta a la interacción con el medio ambiente. Tales consideraciones son la recurrencia de la autorregulación como en particular para los organismos vivos y el responsable de adaptar o incluso un cambio interno en la cara de circunstancias externas. En práctica del artista escénico tales perspectivas reestructuran su propio modo de operación, por lo que la performatividad también hace referencia al organismo vivo para la definición de su modelo operativo. Por último, se concluye que el pensamiento sistémico y la educación somática pueden proporcionar el artista escénico enfoques diferentes a la investigación de la escena como un proceso/ procedimientos integrados.

Palabras clave: Organismo vivo. Educación somática. Pensamiento sistémico. Performatividad.

Educação Somática

A Educação Somática surgiu no século XX via a necessidade de redimensionar paradigmas que colocam o corpo na condição de objeto. Essa questão é um marco, por reposicionar o ponto de vista em relação à prática do movimento, possibilitando a compreensão de métodos e técnicas que viabilizam e valorizam a experiência como conhecimento legítimo.

Em sua delimitação da somática, Thomas Hanna não defende um ponto de vista para o termo “corpo”, ao invés disso, instaura o conceito de soma (HANNA, 1976) – “corpo subjetivo, ou seja, o corpo percebido do ponto de vista do indivíduo.” (BOLSANELLO, 2005, p. 307). O termo soma tem origem grega e significa o corpo em sua completude. A mudança de palavra, nesse caso, seria uma estratégia de alargamento da percepção de corpo como experiência autêntica e inteira. Segundo Fernandes (2015), a palavra soma ainda tem origem nos Vedas hindus, sendo que seu significado ultrapassa o que está configurado como corpo físico.

[...] poderíamos dizer que a somática reconhece a força da vida como constituinte de tudo e todos, declarando, portanto, uma espécie de pulsão de tudo e todos em si mesmos em inte(g)ração, muito além de relações de poder ou de corpo(s). (FERNANDES, 2015, p. 13-14)

Para Fernandes (2015), a Educação Somática proporciona uma mudança radical de enfoque na prática corporal artística, na medida em que não se prende a gêneros ou estilos e passa a reconhecer, no fazer, o ser integrado à natureza, o corpo como organismo vivo em relação, adaptação e aprimoramento com e no ambiente:

Ao invés de um aprendizado quantitativo, competitivo e árduo em busca de um modelo, a somática se baseia em um contexto de aprendizado receptivo e perceptivo, facilitando a conexão sensorial através da pausa dinâmica e do refinamento do esforço muscular integrados no todo da pessoa e do ambiente. (FERNANDES, 2015, p. 13)

Embora a Educação Somática não se constitua enquanto estética e tampouco esse seja o seu objetivo, a condição propiciada ao artista cênico de percepção de si, muda, consideravelmente, aspectos como postura, atitude, presença, intenção. Esse fato é verificável na qualidade do movimento e também nas interações cênicas, portanto, no resultado estético.

Princípios da Educação Somática

No artigo *The field of somatics* de 1976, Hanna apresenta características estruturais para o conceito de soma. Ele traça cinco princípios que se referem à estrutura somática e mais seis identificados como relativos à função. Nesse caso, os princípios estruturais serão apresentados como integração (holismo), ecologia somática, tendência ao equilíbrio e desequilíbrio, adaptação, ciclos.

Como já foi dito, *soma* refere-se ao corpo enquanto completude, de forma que os processos vitais são reconhecidos como necessários a ele. Portanto, *soma* e vida são termos que se aproximam semanticamente, pois a ausência de vida implica consequentemente na falta do *soma*.

A diferenciação entre organismos vivos e não vivos parece crucial para a compreensão do *soma*, visto que apenas o organismo com vida é capaz de se autorregular e, portanto, tem em si a capacidade interna de alteração e adaptação. O controle voluntário dos estados internos estabelece, claramente, a capacidade do ser vivo de se autorregular, constituindo-se como substância autônoma em seu meio.

A mutabilidade *somática* é uma evidência de que o *soma* é percebido como processo, entre estrutura e função em adaptação e transformação. Assim, soma não é a árvore, ou a célula, identificadas como organismos vivos, mas os processos que fazem a árvore ou a célula manifestarem vida.

Ocorrem, ainda, duas questões que parecem opostas, mas agem como complementares. O organismo vivo funciona como um todo que se autorregula e se constitui como vida independente, mas, para além do organismo vivo, existe, também, o ambiente. Portanto, o organismo vivo se percebe como inteiro em si, porém, dentro de um contexto maior, ou seja, o organismo vivo está no ambiente e compõe-se como elemento funcional do mesmo.

Entre o organismo vivo e o ambiente, nesse caso, não existem dominações, mas interações em que um e o outro colaboram mutuamente nos processos vitais, fator compreendido como ecologia somática. Assim, ambos agem conjuntamente a favor da vida, mas tal interação só ocorre na medida em que suas estruturas e funções estão previamente determinadas em padrões responsáveis por condicionar os processos somáticos. Isso por que as influências do ambiente propiciarão instabilidades ou demandarão adaptações, que são superadas devido à ordenação interna estabilizada.

A ambiguidade é recorrente na organização do organismo vivo e, como consequência, nos estudos somáticos, há o reconhecimento recorrente de que processos geram instabilidade estrutural. O organismo vivo, como já vimos, está aberto às interferências do ambiente. Tal abertura promove uma constante reorganização interna, viabilizando os processos de adaptação, ou seja, transformação da estrutura-função com o acoplamento de novas propriedades. Essa condição propõe o estado de ciclos, que acontecem em variações de equilíbrio e desequilíbrio.

A abertura para a constante regulação gera ciclos de equilíbrio, bem como momentos de instabilidade e desequilíbrio.

Nessa lógica, o desequilíbrio alimenta o equilíbrio promovendo a percepção do equilíbrio dinâmico, ou em movimento, que reconhece a ação das fases instáveis como parte da estabilidade. Esse é o paradoxo, pois é perceptível como o organismo vivo, ao tempo em que se direciona ao equilíbrio, também incorre na mudança e no desequilíbrio, promovendo ciclos de ordem e desordem, equilíbrio e desequilíbrio, interno e externo. Assim, para estar aberto, em processos dinâmicos e de troca com o meio, paradoxalmente é preciso fechar estruturas, padrões e formas internas.

A integração, por sua vez, refere-se ao paradigma holístico em que “o todo é mais que a soma das partes”, portanto, o todo se apresenta com complexidade e com variáveis instáveis relevantes a sua observação, ampliando a estabilidade mecanicista que excluía os fenômenos vitais. Então, na perspectiva integrativa, as partes não são absolutamente isoláveis, pois elas dependem umas das outras para existir.

Em conclusão, o *soma* pode ser percebido como o movimento existente no organismo vivo, a força interna que possibilita mudança, alteração, adaptação, ou mesmo equilíbrio.

Educação Somática é Prática

Na Educação Somática, a subjetividade e o indivíduo são integrados de modo que a experiência é sempre reconhecida como pessoal, dando voz ativa ao indivíduo, em seu processo no mundo. Essa premissa deflagra uma reestruturação da organização, no vetor interno/externo, ou indivíduo/ambiente, possibilitando a reordenação das funções postas nas relações do processo de aprendizado. Nesse caso, o aluno/praticante toma para si a responsabilidade por seu próprio aprendizado e o professor assume a atitude de mediador de uma informação, dividindo o processo de aprendizagem com colaboradores em coexistência.

Na efetivação da premissa do corpo vivo e integrado, a Educação Somática questiona e desconstrói condicionamentos habituais baseados em normas como a dualidade erro/acerto; bem como o enfoque direcionado a metas e ideais. Tais normas conduzem o indivíduo à necessidade constante de aprovação externa que o condicionam na atitude de realização e produção, portanto, constante aceleração em dar respostas. Em técnicas de enfoque mais quantitativo, observamos que o organismo atua em justaposição a ordens estabelecidas pelo ambiente, se adequando às necessidades apresentadas para o enquadramento proposto coletivamente. Já o somático propõe uma nova ordem conjecturada através de premissas, que sustentam a estabilização de outro comportamento no indivíduo. Tais premissas agem conjuntamente, estabilizando a atitude do praticante diante de sua experiência. Dessa maneira, a proposição da “conexão sensorial” (BATSON, 2009, p. 19), que prioriza a consciência sensorial dando ênfase ao “como se move”, possibilita ao praticante o enfoque na materialidade corporal, estabilizando a percepção na dinâmica interna do *soma* e abrindo espaços de auto-observação na ação.

A auto-observação, por sua vez, é pautada na atitude do indivíduo de reconhecer padrões e conduzir possíveis mudanças em seu comportamento. O que se configura como o desenvolvimento da “tecnologia interna” (BOLSANELLO, 2011) que diz respeito à capacidade do indivíduo de se relacionar com o ambiente, a partir de autopercepções, ou seja, dando valor a referências internas. Sendo que, tais percepções, não estão conectadas a um juízo de valor moral, mas a regulações sensório-motoras diante das situações propostas pelo ambiente. Aqui, percebemos a relação como processo de troca de informações, mais apoiadas na subjetividade, em constante equilíbrio dinâmico com o meio, eliminando-se o condicionamento objetivo implicado na dinâmica resposta/estímulo.

No contexto da prática de dança, podemos notar algumas

atitudes de dançarinos, como, por exemplo: competitividade, busca por qualidade ideal do movimento e esforço muscular excessivo. Então, o reconhecimento do “comportamento singular” (DOMINICI, 2010) proporciona ao dançarino a investigação do caminho próprio na execução do movimento. Nesse fato, podemos perceber o princípio somático de estabelecer premissas que colaboram para a alteração de dinâmicas externas que estressam o organismo, similar ao que é proposto como integração de subjetividade e indivíduo como experiência vivida, no princípio geral.

Dessa maneira, na Educação Somática, importa a atitude consciente diante do movimento; para isso, a postura autônoma do indivíduo é de grande importância. Então, os processos de autorregulação são constantemente colocados em foco, como medida de reestruturação da autoconsciência do indivíduo em interação com seu ambiente. Assim, temos o soma como a união entre ambiente/indivíduo em interação. Esta relação bilateral entre indivíduo e ambiente é o que Nagatomo chama de Sintonia Somática (FERNANDES, 2014, p. 90).

Pensamento Sistêmico

Ao contestar a ineficiência das séries causais isoláveis e o isolamento por partes, na elaboração de respostas às questões teóricas, em especial nas ciências biológicas e sociais, Bertalanffy retomou o pensamento holístico aos prenúncios científicos: “O enfoque mecanicista parecia desprezar ou negar de todo exatamente aquilo que é essencial nos fenômenos da vida” (BERTALANFFY, 2008, p. 165).

Para tanto, Bertalanffy apontou a diferenciação básica entre organismos vivos (biológicos) e não vivos (físicos), esclarecendo que os organismos vivos se comportam como sistemas abertos. Segundo Bertalanffy (2008, p. 186), sistemas orgânicos vivos são sistemas abertos, que se caracterizam por estar em

troca com o ambiente, apresentando importação e exportação, construção e demolição dos materiais que os compõem. Essa premissa retomou o pensamento de contextualização e interação entre os seres vivos.

Em primeira instância, sistemas abertos trocam informações com o ambiente que habitam. Assim, na relação entre ambiente/organismo há uma codependência, que é determinante para o desenvolvimento de ambos, de forma que se tornam complementares. Contudo, a questão do ambiente não se resume a essa síntese. Ao apurar e delimitar o organismo vivo, percebemos que seu contato com o ambiente ocorre mediante algumas ponderações.

Segundo Capra e Luisi (2014), em estudos mais atuais e que desenvolvem o conceito inicial de “sistemas”, um organismo vivo tem características próprias ao fenômeno da vida. Assim, uma característica essencial é o fato do organismo vivo não se organizar em função de seu ambiente, mas de si próprio. Uma libélula, por exemplo, compõe-se estruturalmente sem a interferência do ambiente. Nesse sentido, a libélula segue uma organização interna de formação, constituindo-se de células que trabalham para a sua existência. Porém, esse fato não elimina o ambiente, apenas estabelece limites referentes à constituição da essência, estipulando ordem e prioridades aos vetores da interação.

Nesse caso, o organismo age em fechamento operacional, isto é, não precisa de informação externa para ser como é. Assim, a princípio, o organismo é uma estrutura que não está aberta à interação. Contudo, a libélula não sobreviveria sem o contato com o ambiente, pois é ele quem disponibiliza alimentos. Dessa forma, a libélula e o ambiente são estruturas organizacionais distintas que se relacionam. Embora ela tenha uma definição física como libélula, quando ela age sobre o ambiente, este também o faz sobre ela. Portanto, alimentos e obstáculos encontrados no ambiente influenciam sua estrutura física e comportamental, porém, a partir de uma ordem já estabelecida, enquanto existência do ser libélula.

Nesse sentido, o organismo vivo tem a estrutura previamente estabilizada, sendo sua matéria produzida por ele próprio, mantendo um ciclo de regeneração de seus componentes. A capacidade de cicatrização, por exemplo, é particular ao organismo vivo, pois depende da ação de um sistema auto-organizador para efetivar a regeneração. Essa característica é substancial na diferenciação entre organismo vivo e não vivo, visto que um computador, ao sofrer danos físicos devido a uma queda, não age sobre suas fissuras.

No organismo não vivo a união da estrutura e do padrão organizacional definem o todo, por exemplo, um caderno é constituído da matéria papel e arame (estrutura) em que a relação entre tais componentes determina suas características. Assim, o padrão de organização está no “como” o caderno se configura, sendo grande, pequeno, com arame na vertical ou na horizontal. Nesse caso, a ideia e a matéria caderno possibilitam dois ângulos diferentes para explicar um mesmo objeto. Contudo, o objeto, enquanto definição, tem a função de servir a algo e se completa em sua função. Não tem vontade própria, não precisa se alimentar, se adaptar, se organizar, ou seja, não possui ação sobre si mesmo.

Para o organismo vivo, por sua vez, recorrem as perspectivas estrutura e forma, porém elas funcionam com lógica própria. O padrão de organização e estrutura está integrado e um determina o outro, ou seja, matéria e forma são indissociáveis. A isso se acrescenta a característica referente ao processo, responsável pelo elo entre padrão e estrutura, como incorporação contínua. O processo mantém o fluxo de interação entre as células, mantendo a vida, e possibilitando o desenvolvimento e a evolução.

Em síntese, as características que definem o organismo vivo, matéria (células autorregenerativas), forma (mapeamento abstrato) e processo (ligação) o constituem como “autopoietico”. Esse conceito se refere à capacidade do organismo vivo de se autorregular segundo uma lógica circular de regeneração

de componentes e de autonomia biológica, em que ele cria seu próprio ambiente. A autopoiese delimita o organismo vivo como unidade estruturada, com padrões não lineares, determinando redes de imprevisibilidade. Como explicam Capra e Luisi (2014):

À medida que se mantém interagindo com o seu ambiente, um organismo vivo passará por uma sequência de mudanças estruturais, e com o tempo formará o seu próprio caminho individual de acoplamento estrutural. Em qualquer ponto desse caminho, a estrutura do organismo é um registro de mudanças estruturais prévias e, desse modo, de interações prévias. Em outras palavras, todos os seres vivos têm uma história. A estrutura viva é sempre um registro de desenvolvimentos anteriores. (CAPRA; LUISI, 2014, p. 177)

Nesse caso, entramos em contato com a capacidade de adaptação, que se dá através da acomodação do material gerado pelo organismo, em acordo com o ambiente. Assim, o organismo vivo se sujeita às mudanças estruturais propostas pelo ambiente – acoplamento estrutural (MATURANA; VARELA apud CAPRA; LUISI, 2014, p. 176). Contudo, tais mudanças ocorrem na medida em que o organismo vivo se altera sob a influência – ao invés de determinação – do ambiente. Essa diferença de vetor organizacional é de crucial importância, visto que o ambiente gera possibilidades, mas o organismo autônomo opera as alterações de acordo com sua organização.

O organismo vivo, portanto, é estruturalmente organizado de forma que as mudanças estruturais ocorram devido à estabilidade prévia. As alterações são possíveis dentro de organizações estabelecidas que, por sua vez, não condicionam previsibilidade. As mudanças dependem de uma rede de ajustes do organismo, que abre uma ampla variedade de adaptações.

Interação em grupo

Segundo Fritjot Capra e Pier Luigi Luisi (2014), na medida em que o termo sistema foi designado para identificar o organismo vivo e sistemas sociais passou também a significar “totalidade integrada”, onde as relações entre as partes definem as propriedades essenciais. Esse aspecto também contextualiza o “Pensamento Sistêmico”:

[...] ‘pensamento sistêmico’ passou a indicar a compreensão de um fenômeno dentro do contexto de um todo maior. Essa é, de fato, a raiz da palavra ‘sistema’, que deriva do grego syn+histanai (‘colocar junto’). Compreender as coisas sistemicamente significa, literalmente, coloca-las em um contexto, estabelecer a natureza das suas relações. (CAPRA; LUISI, 2014, p. 94)

Para elucidar características referente ao organismo vivo, toma-se como observação a menor unidade orgânica viva, a célula. Nesse caso, o contexto da célula se apresenta como o tecido orgânico que a célula compõe. Assim, o corpo humano é constituído de órgãos, ossos, líquidos, tecidos, os quais são constituídos de células. Cada célula tem como ambiente o tecido que ela compõe, dessa forma, por exemplo, cada célula do coração relaciona-se com o ambiente composto de outras células.

Por aproximação imagética, então, poderíamos dizer que a composição social se dá como um organismo vivo, sendo os indivíduos suas células. Contudo, essa comparação requer cuidado, pois as pessoas têm comportamento peculiares, portanto são diferentes de células. Apesar dos indivíduos serem organismos vivos, sua composição engloba variáveis próprias à complexidade humana.

Um organismo vivo, por exemplo, ou sistema biológico, é governado por leis naturais, que agem sobre o material celular e a organização da célula é responsável por manter a estrutu-

ra, não existindo possibilidades de corrupção dessa lei natural. Entretanto, o indivíduo (a célula do grupo social) possui, como característica, além da auto-organização, a condição de vontade própria diante das regras coletivas. Portanto, o indivíduo tem a opção de não agir incondicionalmente em prol da manutenção de seu grupo, mas, a princípio, estabelece diferenciação da célula, por ter princípios de ação particulares, tornando necessária a observação do contexto que compõe suas características.

Apesar da imagem da célula ser interessante como organismo vivo, ao ampliar a complexidade do organismo vivo, a percepção sobre ele também deve ser redimensionada. Falar de indivíduo e grupo social é crucialmente diferente de falar de célula e órgão, por exemplo. Cada adaptação requer um novo olhar sobre a forma estruturada, justamente por se colocar em relação dinâmica.

Nessa perspectiva, ao colocar o indivíduo em seu ambiente social, Capra e Luisi (2014) percebem que questões de organização própria ao humano são vitais à constituição da rede estabelecida como troca de informações simbólicas. A rede simbólica é proporcionada pela consciência e pensamentos humanos vinculados à capacidade de imaginar; portanto, é responsável por caracterizar o grupo como unidade viva. Como nos esclarecem Capra e Luisi (2014)

As fronteiras sociais, como enfatizamos, não são necessariamente fronteiras físicas, mas fronteiras de significado e de expectativas. Elas não cercam literalmente a rede, mas existem em um domínio mental que não tem as propriedades topológicas do espaço físico. (CAPRA; LUISI, 2014, p. 385)

Capra e Luisi integram, às perspectivas de estrutura (matéria), padrão (forma) e processo, o conceito de significado, como necessário ao estudo do fenômeno social, estipulando-o como arcabouço conceitual. Ao implementar a perspectiva de signi-

ficado, inclui-se o universo simbólico mais interno, típico da condição humana e responsável pela comunicação

Como as comunicações recorrem em múltiplos ciclos de feedback, elas produzem um sistema compartilhado de crenças, explicações e valores – um contexto comum de significado – que é continuamente sustentado por mais comunicações. Por meio desse contexto compartilhado de significado indivíduos adquirem identidades como membros da rede social, e dessa maneira a rede gera sua própria fronteira. Ela não é uma fronteira física, mas uma fronteira de expectativas, de confiança e de lealdade, que é continuamente mantida e renegociada pela própria rede. (CAPRA; LUISI, 2014, p. 381)

A comunicação, nesse caso, possibilita o funcionamento do sistema social como organismo vivo, pois, através da comunicação, o sistema se retroalimenta. É ela que viabiliza a manutenção de crenças, ideais, filosofias. Portanto, os laços que a comunicação estabelece ultrapassam a via do significado direto e objetivo da razão.

Assim, podemos dizer que os encontros e interações humanas ocorrem, essencialmente, devido à comunicação e a vínculos propiciados por ela. Enquanto acontecimento, o encontro estabelece graus de presença, atitude, impulso, percepção em cada indivíduo que se coloca em interação. Devido ao fato de que o envolvimento ou interesse por outro indivíduo altera a percepção do ambiente, impelindo o interessado em dinâmicas de comportamento, cada indivíduo, enquanto organismo vivo funciona, também, em acoplamento com o ambiente.

Contudo, ocorrem limites impostos entre os lados envolvidos na interação. Dessa maneira, o encontro tem parcelas de aprofundamento, o que está relacionado ao grau de abertura dos envolvidos. Tal abertura pode ser construída ou imediata, varia de acordo com os “interesses” dos envolvidos.

O filósofo Leonardo Boff (2005) considera que qualquer interação começa via sentimento, segundo ele: “É o sentimento que nos faz sensíveis a tudo o que está a nossa volta. Que nos faz gostar ou desgostar. É o sentimento que nos une às coisas e nos envolve com as pessoas” (2005, p. 33). Somos guiados, portanto, por um sensor interno que nos dá indicações para os interesses e envolvimento.

No encontro onde os envolvidos sentem-se parte do acontecimento e desenvolvem algum tipo de desejo e sintonia, fala-se de conexão, do sentido de pertencimento ou ethos – a forma como organizamos nossa casa, o mundo que habitamos com os seres humanos e com a natureza. Nesse contexto, a natureza e tudo que nela existe é visto como sujeito. “A relação não é sujeito-objeto, mas sujeito-sujeito. Experimentamos os seres como sujeitos, como valores, como símbolos que remetem a uma realidade fontal” (BOFF, 2005 p. 31).

Nesses moldes, a comunicação é estabelecida como dinâmica de troca e não de manipulação ou dominação, reconhecendo os envolvidos como seres vivos e donos de uma realidade própria e condizente com sua condição de ser/estar no ambiente.

Integração Somático-Sistêmica

É perceptível que tanto o Pensamento Sistêmico quanto a Educação Somática apresentam argumentos estruturais semelhantes, senão iguais. Isso se dá devido à influência comum do paradigma holístico. Em síntese, verificamos o conceito de soma como processos holísticos, ou seja, de integração (HANNA, 1976). Portanto, soma se institui exatamente como vida, movimento, transformação. O Pensamento Sistêmico define-se como sinônimo do termo holístico, então, sistêmico é olhar em conjunto, bem como holístico é integrar partes. Somático e Sistêmico já encontram aproximações nessa questão, no interesse em observar os fenômenos vitais, considerando sua amplitude e complexidade, bem como percebendo o “todo integrado”.

Contudo, as perspectivas somática e a sistêmica não são uma mesma perspectiva. Isso, principalmente, por partirem de interesses distintos. Assim, Pensamento Sistêmico é um arcabouço teórico que une vertentes do conhecimento. Surgiu, inicialmente, da biologia e engloba as ciências sociais, física, matemática, química, ecologia, entre outras disciplinas, com o objetivo de construir uma perspectiva integrada sobre a visão da vida. A Educação Somática, por sua vez, também se apresenta com características interdisciplinares, na medida em que unifica o campo da saúde, educação e artes. Contudo, uma diferença que se configura é que a Educação Somática se fundamenta, prioritariamente, na prática enquanto experiência corporal, sendo concretizada em métodos e técnicas direcionados ao corpo. O Pensamento Sistêmico não nega essa possibilidade, inclusive abrange métodos terapêuticos que colocam a experiência corporal como um caminho para o cuidado (Constelação Sistêmica), mas não se fundamenta na prática corporal.

Uma questão pertinente a ambos – Pensamento Sistêmico e Educação Somática – são as características do organismo vivo, visto que o soma definido por Thomas Hanna como termo que redefine o conceito de corpo, estabelece características similares com aquelas observadas no organismo vivo definido por Capra e Luisi (2014).

Entretanto, a crucial diferença entre ambas as abordagens está no enfoque, ou no ponto de partida da argumentação. Se a Educação Somática valoriza a prática corporal, o Pensamento Sistêmico não parte deste elemento, isso por se perceber o contexto em uma perspectiva ampliada. Então, a ênfase na prática corporal apontada pela Educação Somática é relevante, pois a sua associação com o Pensamento Sistêmico contribui para questões fundamentais na formação do artista cênico. Isso pelo fato de que a Educação Somática prepara o corpo, via enfoque estrutural, enquanto o Pensamento Sistêmico parte da conjectura contextual simbólica enfatizada na comunicação.

O Artista Cênico Performativo e os Princípios Somático-Sistêmicos

A cena da mesma maneira que o sistema social se constitui de um padrão organizacional, estrutura, processo e significado. Contudo, sua matéria é justamente composta de imagens e símbolos constituídos e contextualizados em formas temporárias, compostas em organizações espaciais via corpo do artista cênico. Assim, a materialidade ou a concretude da cena está na ação, expressão do artista.

Na cena aglomera-se o contexto do artista, do grupo, do símbolo real, símbolo fictício e público. O contexto cênico viabiliza a transposição ou a transformação de uma verdade em cena, e mesmo de uma cena em verdade. Assim, o símbolo real se vincula à vida interna dos artistas, que compõem o grupo, o símbolo fictício como aquilo que se apresenta como cena e o público, por sua vez, é aquele que vê.

Então, o artista cênico é uma vida que opera com suas crenças, interesses, enfim, tudo o que move o indivíduo enquanto contexto simbólico. O grupo compõe-se de artistas e pulsa de acordo as vibrações de cada um. É perceptível que o grupo tem uma vida própria e, portanto, se constitui de modos de comunicação e significado. Junto a isso, existe ainda o contexto da cena que, por sua vez, se alimenta das organizações próprias do grupo em questão e, portanto, dos artistas. O público constitui-se como responsável pela complementariedade da rede. Nesse caso, não há ação isolada sem reverberação e desdobramento. Portanto, o modo como o artista cênico se organiza espacialmente torna-se um unísono à cena. Um e outro estão imbricados como coexistência.

Segundo Josette Féral (2009), o teatro contemporâneo adotou muitas das propostas efetivadas pela performance. Assim, ela defende que o movimento denominado por Lehmann (2005) como Teatro Pós-dramático é mais coerente com a nomenclatura de Teatro Performativo.

Féral apoia-se em três operações, sendo “ser/estar”, “fazer” e “mostrar o que faz”. Tais operações balizam o performer, como aquele que supera os limites de um padrão, de forma que sua atitude de presença na ação se apresenta condicionada à organização da cena. Nesses termos apresentados pelo teatro performativo, o trabalho do ator é justaposto ao do performer, traçando novos limites para a atuação. Nesse caso, performer, ação, cena são organismos vivos e integrados, agindo em consonância.

Então, para a performatividade, a atenção do artista cênico vincula-se ao ser/estar, ou na presença do tempo-espço comum, pois, na medida em que a atenção dá foco a algo, ela se prende a materialidades (percepções corporais), podendo, posteriormente, ultrapassar a concretude em metáforas e imagens. Segundo Féral (2009), o termo performativo foi utilizado por Austin e Searle, em pesquisas linguísticas, e se refere à ação propriamente dita, em que a representação é desconsiderada em função do fazer, ser, presente.

A performatividade, portanto, é alimentada por interações promovidas no ambiente em que se instaura. Suas estruturas são abertas e mutáveis, portanto, o artista performativo há de se compreender, enquanto lógica de ação, como aberto e adaptável ao ambiente, sem, contudo, perder a referência de seus limites internos. Trata-se do organismo vivo estruturalmente fechado, mas com abertura a influências do ambiente.

Portanto, percebe-se que o conceito de organismo vivo tomou proporções não apenas na preparação corporal proposta pela Educação Somática, mas também na operacionalidade da cena. Logo, se a operacionalidade da cena assume moldes dinâmicos, isso não ocorre sem a alteração da compreensão do próprio artista cênico em cena. O Pensamento Sistêmico aplica-se exatamente a esse modo de engendramento em que tudo se conecta enquanto funcionamento.

Em primeira ordem, observa-se o fato de que o processo de formação interfere no efeito estético que se deseja criar. Nes-

se contexto, quando o artista cênico entende que sua função é marcar a cena, as entonações, os movimentos, expressões, e manter a qualidade na repetição, essa compreensão marca um contexto, uma crença e um caminho específico de se articular a cena. Pode-se argumentar que este modelo está pautado em estruturas firmes de organização, então, ele também está dentro de uma lógica mais controladora ou controlável. Assim, é evidenciada a relação estrutura/forma, em que as marcas cênicas são estruturais e o “como” operacionalizar tais marcas se rompe como forma. No entanto, tanto existe a possibilidade de fechar a forma em função da estrutura, quanto a de abrir a estrutura em função da forma. Dessa maneira, temos a possibilidade de processos mais ou menos abertos.

Como processos mais abertos, veem-se as qualidades apontadas pela *performance art*, enquanto estrutura cênica. A performance derruba a lógica linear de cenas pré-formatadas e o performer toma o estado cênico como condição de criação em um momento presente, acoplando-se ao ambiente. Nesse contexto, o artista cênico toma a responsabilidade da cena em um momento presente, estabilizando o vínculo cênico como pressuposto de criação. Então, além de se responsabilizar por seus atos e impulsos, acontece o reconhecimento do grupo de interação e a troca de pulsões como um motim criativo, repercutindo na operacionalidade como performatividade.

Logo, a performatividade está no reconhecimento da cena como organismo vivo, em processos dinâmicos, relacionais, com estruturas abertas e formas maleáveis. Contudo, tais características ocorrem como reverberação dos procedimentos vividos pelo artista cênico.

Portanto, o foco é o artista cênico e a autopercepção, enquanto organismo vivo e em constante processo de adaptação ao meio ambiente. Nesse contexto, a integração é um dos princípios motores. Integrar engloba alguns vetores ao trabalho cênico. O artista cênico reconhece-se como um todo expressivo,

incluindo voz, corpo, emoção, razão, em conexão consigo mesmo. Posteriormente, compreende-se compondo seu ambiente cênico. Então, como ambiente externo a si, é possível identificar especificidades como, por exemplo, a presença do outro.

A integração, portanto, está arraigada na compreensão de que o outro é um organismo vivo, autorregulador e autônomo. Apenas este fato possibilita uma ampla rede de diferenciações que direciona a outra existência como distinta. Integrar, dessa forma, não é tornar igual, mas se abrir para a diferença. Reconhecer o outro em sua diferença possibilita a comunicação sem a necessidade de homogeneização.

Nessa lógica, a associação da Educação Somática e do Pensamentos Sistêmico busca o artista cênico integrativo, aberto a estar em ambiente cênico sensível aos acontecimentos inesperados, que não foram planejados, mas também consciente dos limites gerados pela própria cena. Um artista que entende que sua atenção voltada ao aqui – agora preencherá os espaços interativos.

REFERÊNCIAS

- BATSON, Glenna. Somatic studies and dance. *International Association for Dance Medicine and Science*, [s. l.], 17, p. 01-06, sep. 2009. Disponível em: <www.iadms.org/resource/resmgr/resource_papers/somatic_studies.pdf>. Acesso em: 13 mai 2016.
- BERTALANFFY, Ludwig Von. *Teoria geral dos sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações*. Tradução de Francisco M. Guimarães. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2008.
- BOLSANELLO, Debora Pereira. A educação somática e os conceitos de descondicionamento gestual, autenticidade somática e tecnologia interna. *Motrivivência*, v. 23, n. 36, p.306-322, 2011.
- _____. Educação somática: o corpo enquanto experiência. *Motriz*, Rio Claro, v. 11, n. 2, p. 99-106, mai./ago. 2005.

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. *Inclusão Social*, Brasília, DF, v. 1, n. 1, p. 28-35, out./mar. 2005.

CAPRA, Fritjot; LUISI, Pier Luigi. *A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*. Tradução de Mayra Teruya Eichenberg e Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2014. (Coleção Polêmica).

DENOVARO, Daniel Becker. A educação somática na formação do ator: a contribuição do método pilates. *Repertório*, Salvador, n. 18, p. 94-100, 2012. Disponível em: <<http://www.portal-seer.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/6407/4429>>. (acesso em: 25 mar 2016)

DOMENICI, Eloisa. O encontro entre dança e educação somática como uma interface de questionamento epistemológico sobre as teorias do corpo. *Pro-Posições*, Campinas, v. 21, n. 2 (62), p. 69-85, maio/ago. 2010.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco; revisão técnica de Cezar Mortari. São Paulo: UNESP, 2005.

FÉRAL, Josette. Por uma Poética da Performatividade: o teatro performativo. Tradução de Lígia Borges; revisão técnica de Cícero Alberto de Andrade Oliveira. *Sala Preta*. 2009. Publicado em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57370>> (acesso em: 15 fev 2016).

FERNANDES, Ciane. Como se move o que nos move? Variações autênticas, padrões cristal e pesquisa somático-performativa. New York. Moviment News, 2012.

_____. Sobre corpos vivos: pulsões de uma autenticidade em movimento. *Revista Encontro Teatro*, 3. ed., no prelo.

_____. *O corpo em movimento: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas*. 2. ed. São Paulo. Annablume. 2006.

_____. Pesquisa somático-performativa: sintonia,

sensibilidade, integração. *ARJ. Brasil*, v. 1/2, p. 76-95, jul./dez. 2014.

_____. Quando o todo é mais que a soma das partes: somática como campo epistemológico contemporâneo. *Rev. Bras. Est. Presença*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 9-38, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/presenca>>. (Acesso em: 25 fev 2016).

HANNA, Thomas. The field of somatics. *Somatics: magazine-journal of the bodily arts and sciences*, v. I, n. 1, p. 30-34, autumn 1976. Disponível em: <<http://somatics.org/library/biblio/html-fieldofsomatics>>. (Acesso em: 02 mar. 2015).

_____. The somatic healers and the somatic educators. *Somatics: magazine-journal of the bodily arts and sciences*, v. I, n. 3, p. 01-07, 1977. Disponível em: <<http://somatics.org/library/biblio/html-fieldofsomatics>>. (Acesso em: 12 dez 2015).

LEHMANN, Hans-Thies. *Teatro pós-dramático*. Tradução: Pedro Sussekind. São Paulo. Ed. Cosac Naify. 2007.